

Luiz Inácio Lula Lula no pós-Real

• Além de ter reencontrado o bom humor e o otimismo, o candidato Luiz Inácio Lula pensa ter achado também o eixo de seu discurso de campanha: o pós-Real, o que fazer para reduzir a conta salgada da estabilidade, cujo resultado tem sido, a seu ver, o aumento da insegurança social. Tal discurso, ele admite, correrá no fio da navalha, com o risco de resvalar para ataques ao Real, o que, nesta campanha, não pretende fazer.

Acha que estes três anos de Governo FH até criaram condições melhores para a discussão de alguns temas que frequentaram suas outras campanhas. Infere que alguns dirão que se repete, mas os problemas continuam os mesmos, alguns até se agudizaram. Hoje, por exemplo, a sociedade estaria mais madura para entender o debate sobre o formato ideal do Estado.

— A classe média paga cada vez mais Imposto de Renda e recebe o quê de volta? Nada. Tem que pagar escola privada e planos de saúde. A privatização foi apresentada como um elixir maravilhoso. Onde foi parar o dinheiro? Foi comido pelos juros da dívida pública. E os serviços, em contrapartida, pioraram. A população está entendendo isso — acha.

Para Lula, Fernando Henrique ainda não percebeu o mal que lhe fez a equipe econômica, de quem tornou-se muito dependente.

— Eles não fizeram os ajustes na hora certa, e agora estão numa arapuca. Escancararam o país ao capital estrangeiro, e quando as empresas nacionais chiavam, diziam: “Deixa quebrar”. Que o Malan não tenha sensibilidade social, vá lá. Mas o Fernando Henrique tinha de ter. O desemprego está aí, mas eu vou falar é de como gerar empregos. Vou

dizer com todas as letras que mudarei o modelo econômico, que persigo um projeto nacional de desenvolvimento. O Brasil não entrou na globalização. A globalização é que invadiu o Brasil.

O discurso do pós-Real faz Lula também cair na real. Está certo de que foi contra ele que se aprovou a redução do número de programas de televisão na campanha, e a proibição de cenas externas nas inserções televisivas. Isso o limitará muito.

— Eu soube que o Fernando Henrique disse aos líderes: “Não quero a oposição mostrando miséria na tevê!”

Conhece sua rejeição e admite ter de mudar sua imagem na televisão.

— Quero saber porque todos dizem que sou mais simpático no contato pessoal. Farei um belo programa, mas sem contratar estes marqueteiros que cobraram fortunas dos políticos corruptos para mostrá-los como honestos.

Apostando na insatisfação com o pós-Real, admite também, numa conversa caudalosa com jornalistas, que o PT já não encanta a juventude, hoje desmotivada com a política. O programa eleitoral do início de maio tentará principalmente motivar a turma de 16 a 18 anos a se cadastrar e votar, “sem medo de ser feliz”.